

não haviam sofrido recaída durante o período imediato. Vinte e dois dos pacientes haviam estado livres do câncer por *dez anos* ou mais. (No tempo em que se iniciou esse tratamento, menos de 10% dos portadores da doença de Hodgkin sobreviviam por mais de cinco anos, com tratamento convencional.) Estudos atualizados sobre leucemia proporcionaram também apoio animador quanto à eficácia da quimioterapia combinada.

James Holland, ao replicar às primeiras críticas do relatório Bonadonna, observou que as drogas do programa CMF estavam em uso há mais de dezoito anos. Seus próprios estudos, feitos no Hospital Monte Sinai, sustentavam as descobertas de Bonadonna. Voltando a solicitar a adoção e difusão do tratamento CMF, por médicos qualificados, Holland reiterou: "Se houver um retardamento de alguns anos nos estudos de acompanhamento antes de adotar essa terapia, 10.000 mulheres, cada quatro meses, serão relegadas à inação, que leva à morte prematura por câncer metastático."

Subseqüentes atualizações do estudo de Bonadonna e de outros estudos deram confirmações suplementares ao ponto de vista de Holland. Sobrevivem mais pacientes por meio da quimioterapia combinada do que por meio de processos convencionais.

A atual ênfase dada à quimioterapia do câncer há de ser gradualmente compartilhada pela imunoterapia, na qual verificam-se progressos animadores. Uma das funções normais do sistema de imunidade do corpo é resguardá-lo de células errantes, minúsculos cânceres potenciais que surgem praticamente todo dia em nossas vidas. O câncer desenvolve-se quando algo perturba essa vigilância da imunidade. Ou as células patrulheiras não funcionam corretamente, ou as células cancerosas impedem, de algum modo, as defesas do corpo em reconhecê-las como ameaça potencial. A imunoterapia inclui várias maneiras de fortalecer as defesas da imunidade corporal, de estimulá-las para que trabalhem com maior eficácia. Poderá modificar as células cancerosas, tornando-as parecidas às "estranhas", a fim de que os linfócitos patrulheiros armem contra elas um ataque imunológico. A imunoterapia, portanto, destina-se a ajudar o corpo a curar a si mesmo.

A BCG, vacina de bactérias vivas, há muito é utilizada na Europa para a imunização contra a tuberculose. É também um estimulante geral do sistema da imunidade. A BCG tem sido utilizada com bons resultados na luta contra o câncer, especialmente em conjunto com a quimioterapia.

Um feliz acidente deu-nos um novo e promissor estimulante da imunidade. Um veterinário francês tentava desenvolver uma vacina contra uma doença do gado, a brucelose. Depois de algumas tentativas, pareceu-lhe ter conseguido um bom resultado: uma vacina que protegia o gado em experiência dessa doença. Espalhou-se a notícia pelo mundo dos fazendeiros. Parecia que uma das grandes doenças do gado, que causava perdas de milhões de cabeças por ano, logo estaria sob controle. Começaram a chegar então notícias desconcertantes: outros pesquisadores, tentando repetir suas experiências, haviam falhado. O francês ficou perplexo. A *sua* vacina funcionara; por que não a dos outros? Teve então uma idéia luminosa. Vinha trabalhando com gado recen-

temente tratado com um preparado antivermes, chamado *levamisole*. Teria essa droga estimulado o sistema de imunidade dos animais e ajudado a vacina a funcionar melhor? As experiências subseqüentes à aplicação revelaram que acontecera exatamente isso. Os pesquisadores do câncer, tendo lido sobre essas experiências, utilizaram o levamisole como agente anticâncer, com resultados animadores. Hoje, a utilização dessa droga tem sido ativamente explorada na luta contra o câncer.

A imunoterapia, por si só, não será, provavelmente nunca, cura completa para o câncer. É muito eficaz para "limpar" pequeno número de células cancerosas dispersas. Pode, portanto, ser utilizada como a parte-chave de um potente triunvirato: a *cirurgia*, que remove a principal massa do tumor; a *quimioterapia*, que "limpa" todas, menos as poucas últimas células cancerosas que são, então, eliminadas pelas *defesas da imunidade* fortalecidas do corpo.

Uma equipe da Universidade de Ottawa apresentou um relatório promissor sobre a terapia imunológica. Um grupo de pacientes portadores de câncer no pulmão foi tratado por meio de cirurgia. Embora alguns tenham recebido o convencional tratamento pós-operatório, outros receberam uma fórmula única de imunoterapia. Os tumores dos pacientes foram mandados à Dra. Ariel Hollinshead, da Universidade de Washington, que preparou uma vacina com os antígenos dos tumores de cada um dos pacientes. Mandou depois essas vacinas pessoais por via aérea, de volta a Ottawa, onde elas foram administradas juntamente com um estimulante de imunidade. Nos pacientes que receberam tais vacinas, a vigilância das células T foi estimulada para atacar as células cancerosas. Quatro anos depois, quase 80% dos pacientes receptores de imunoterapia estavam ainda com vida, o mesmo acontecendo com apenas 50% dos que haviam sido tratados por meio de cirurgia e quimioterapia.

As experiências e tratamentos descritos são apenas uma pequena amostra das áreas hoje sob ativa pesquisa. Outras vias promissoras, exploradas seja em experiências com animais ou tentativas preliminares com seres humanos, incluem:

- a interferona, agente antivírus natural produzido pelo corpo, o qual demonstrou alguma eficácia contra o câncer;
- o hormônio tímico ou timosina, que torna mais eficazes as defesas contra o câncer;
- *vibro-cholera neuraminidase* (VCN), que aparentemente funciona despojando a superfície das células cancerosas, de uma substância chamada ácido siálico e tornando-as mais vulneráveis às defesas da imunidade;
- uma substância chamada fator de transferência dos linfócitos de pessoas que têm imunidade aos antígenos de um câncer especial (frequentemente parentes ou amigos íntimos dos pacientes cancerosos);
- substâncias parecidas a hormônios, chamados *chalcones*, que fazem parar a divisão das células;
- busca de modos de combater o fator de antiogênese do tumor, substância